

Etnografia e imagem, o texto antropológico como arquivo de afetos¹

Rafael F. A. Bezzon², Unesp/São Paulo

Resumo: Este breve texto tem por objetivo refletir a respeito de alguns autores que utilizam conceitos como afetos, efeitos, contexto, imagem e agência para pensarmos a relação entre a experiência etnográfica, ou seja, o trabalho do pesquisador em campo com o(a)s interlocutore(a)s da pesquisa que se apresentam em diferentes formas. Por outro lado, o todo pesquisador que se dispõe a realizar uma etnografia se encontra com o desafio de produzir um texto que reflete e narra sua experiência e os resultados – conhecimento – produzidos, essa é outra camada dessa apresentação. Procuro refletir a respeito da relação vivenciada em campo através do afeto – a modalidade de ser afetado – como instrumento epistemológico para construção da reflexão e na construção do texto antropológico. Para tanto, parto de minha experiência de pesquisa junto a um arquivo fotográfico, suas imagens, narrativas e pessoas que a ele estão relacionadas, mobilizando os autores da chamada “Virada Ontológica” com o objetivo de refletir sobre os afetos e efeitos experienciados durante a produção do texto antropológico.

Palavras-chave: Afetos; Etnografia; Imagem

I

A fotografia, o cinema e a antropologia, pensadas enquanto construções culturais, se encontraram em alguns momentos e expressaram formas de olhar e de construir problemas, compartilhando o desafio de compreender e dar sentido às experiências vivenciadas (Barbosa; Cunha, 2006: 8). Desde então, a fotografia e a antropologia se encontraram e constituíram alianças para o registro e a produção de conhecimento em diferentes momentos durante o século XX.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Doutorando em Ciências Sociais com apoio financeiro pela Capes, pesquisador do NAIP – Núcleo de Antropologia da Imagem e Performance.

Em um de seus usos mais conhecidos, na famosa e sempre lembrada monografia clássica de Bronislaw Malinowski, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922); já em outro período, através de outra produção clássica, histórica e monumental de Gregory Bateson e Margareth Mead em *The Balinese Character* (1942); e em um período mais recente (1980), através de uma grande renovação no interesse sobre as fotografias e seus arquivos, sejam eles de antropólogos, personalidades políticas, fotógrafos ou pessoas comuns que documentaram diferentes períodos da sociedade e seus acontecimentos.

Os arquivos produzidos e gerados por importantes pesquisadores, destacados homens públicos, fotógrafos profissionais e amadores se espalham pelas cidades, muitas vezes recheados de fotografias guardadas em pequenas caixas, gavetas e armários. Meu encontro com a fotografia e a antropologia se passa com um arquivo fotográfico, este se encaixa em um entendimento amplo “[...] como um conceito que se refere a todo e qualquer conjunto ou coleção de fotografias de determinado período histórico, armazenadas conjuntamente com alguma intenção, mesmo que apenas para guardar. [...]” (Banks; Vokes, 2010: 338).

II

“[...] Os elementos de um contexto convencionalmente reconhecido parecem se *pertencer* mutuamente assim como elefantes, lonas, palhaços e acrobatas pertencem a um circo. [...]” (Wagner, 2012: 112).

Como nos lembra Roy Wagner no excerto acima, alguns contextos são reconhecidos pela familiaridade como os elementos que o compõem se associam e se comunicam, a metáfora com o circo é um bom exemplar de um contexto bem definido. As pesquisas antropológicas que envolvem a etnografia, sempre prescindem de uma partida, viajar a outros espaços, é uma característica marcante da antropologia. As viagens podem ser realizadas em diferentes escalas, das grandes distâncias, como nas monografias clássicas da antropologia que ocorrem em regiões longínquas da Oceania, África e América do Sul. E viagens que se passam em escalas menores, nas pequenas distâncias

percorridas durante as jornadas que fazemos ao sair de nossa própria casa e nos deslocamos a outro lugar dentro da cidade, do bairro ou mesmo na própria rua.

Os contextos são criados pelo pesquisador como um constructo, com o objetivo de estabelecer um sentido, um significado para as experiências e associações que realizamos ao nos depararmos com diferentes formas simbólicas (narrativas, objetos, imagens etc.). Como bem define Roy Wagner, “Um contexto é uma parte da experiência – e também algo que nossa experiência constrói; é um ambiente no interior do qual elementos simbólicos se relacionam entre si e é formado pelo ato de relacioná-los. [...]” (Wagner, 2012: 111-112).

Minha experiência prévia de pesquisa junto ao Arquivo Miyasaka se organizou através de uma etnografia *no e com* arquivo, de seu espaço e a lógica que o orienta, com as imagens e pessoas envolvidas e que estabelecem uma relação com o arquivo, as fotografias e o fotógrafo. Uma das reconfigurações por qual passou vividas pela antropologia no âmbito teórico-metodológico em relação às pesquisas com arquivos e seus artefatos foi a mudança no entendimento das relações estabelecidas entre pesquisador, interlocutores e os objetos imagéticos, passando e pensar as fotos a partir de uma perspectiva fenomenológica (Barthes 2011: p.30), atenta para os afetos estabelecidos entre o observador e as imagens.

Tal abordagem permite refletir sobre as relações agenciadas pelas imagens, as novas relações estabelecidas pelo pesquisador com os observadores e outras imagens em seus diferentes suportes. Como observa Edwards, “[...] A análise antropológica se volta, em vez disso, para o modo como as fotografias assumem sua própria dinâmica de sociabilidade junto às comunidades. [...]” (Edwards 2011: 180-181), potencializando, através das relações estabelecidas entre os diferentes observadores, o trabalho de investigação com os arquivos, as pessoas e seus objetos, entre eles as fotografias.

Os métodos visuais de pesquisa não apresentam uma renovação dos métodos tradicionais de investigação e construção do conhecimento antropológico, o que se passa é a extensão e aprofundamento de métodos já existentes. Como nos aponta Marcus Banks, “[...] Uma das forças das metodologias visuais em particular está na natureza inevitavelmente aberta da investigação. Resistindo a interpretações únicas, imagens podem fazer emergir todo um leque de caminhos alternativos de questionamento. [...]” (Banks 2009: 82).

Tudo se passa como se o observador quando em relação com as fotos às animasse assim como elas animam quem as observa, permitindo a evocação de narrativas e histórias experienciadas durante a trajetória de vida através do contato com aquela imagem. Além de mobilizar a imaginação de quem as olha, provocando a criação de ficções a partir do contato com essas imagens.

III

A antropologia de uma maneira geral, de acordo com Favret-Saada (2005, p.155), sempre desconsiderou, ignorou ou negou o afeto nas experiências de campo. Uma das potencialidades do afeto como categoria analítica no trabalho antropológico é a capacidade de, nas palavras da autora, “[...] apreender uma dimensão central do trabalho de campo (a modalidade de ser afetado); [...]” (Favret-Saada, 2005, p. 155). Nesses momentos as fotografias (os objetos), geram afetos que produzem o que Marilyn Strathern chama de “efeitos de deslumbramento” no observador que olha e se relaciona com determinada imagem, e no pesquisador ao ser afetado pelas narrativas evocadas.

Como nos lembra Elizabeth Edwards, as fotos “[...] são locais privilegiados para as interações sociais ocorridas em campo. Elas facilitam o trabalho de campo permitindo atos de amizade, troca e diplomacia, além de auxiliarem no estabelecimento de uma comunicação compartilhada [...] (Edwards 2015: 242-243)”. Assim, as fotos podem ser entendidas como espaços privilegiados onde ocorrem encontros e se formam relações envolvendo o pesquisador, as pessoas e outras imagens.

Esses eventos vivenciados ao serem enunciados no texto antropológico podem ser tratados como imagens-metáforas, como proposto pela antropóloga inglesa Marilyn Strathern em seu ensaio *Artefatos da História: Eventos e a interpretação de imagens* (Strathern 2014a). É pensando e analisando esses eventos-artefatos ou “encontros fotográficos” a partir da perspectiva das “imagens melanésias” que proponho tratar esses encontros performáticos.

São esses momentos de grande significância, a meu ver, que devem ser selecionados, refletidos e analisados no texto para que a escrita tenha sua eficácia pois, segundo

Strathern, “(...) a escrita só funciona se ela for uma recriação imaginativa de alguns efeitos da própria pesquisa de campo. (...)” (Strathern 2014b: 346).

IV

A etnografia impõe alguns desafios para os pesquisadores e autores que escolhem por seguirem seu caminho, de acordo com Marilyn Strathern, ela cria um segundo campo. “(...) Em vez de ser uma atividade derivada ou residual, como se pode pensar de um relatório ou reportagem, a escrita etnográfica cria um segundo campo. (...)” (Strathern, 2014, p.346). Esse outro campo é o momento da escrita etnográfica, que só tem êxito se, de alguma forma, recriar os efeitos gerados no pesquisador durante a experiência de pesquisa de campo.

A autora defende que o processo de imersão, que “(...) é, em si, um fenômeno complexo.” (2014, p.350), não ocorra apenas durante a pesquisa de campo, a experiência propriamente vivida com o arquivo, as fotografias e os interlocutores. Assim, é necessário que haja imersão no segundo campo, o momento da escrita, quando as análises e reflexões das experiências vividas são rememoradas, refletidas e complexificadas. Só assim é possível que ocorra, nas palavras de Strathern, o “momento etnográfico” que se constitui como “[...] uma relação que junta o que é entendido (que é analisado no momento da observação) à necessidade de entender (o que é observado no momento da análise). [...]” (2014, p.350). Durante a experiência de pesquisa não é possível controlar os acontecimentos e muito menos os encontros que ocorrem durante a trajetória, é isso que torna a pesquisa saborosa e prazerosa.

“[...] Não saber o que se vai descobrir é, evidentemente, uma verdade da descoberta. Mas tampouco se sabe o que em retrospecto vai se mostrar significativo, pelo fato de que a significância é adquirida na escrita posterior, na composição da etnografia como uma descrição feita depois do evento.” (Strathern, 2014, p.353).

Assim, os momentos significativos, os “momentos etnográficos”, vividos durante a experiência de pesquisa se fazem evidentes no momento da confecção do texto. São os eventos-artefatos que tem a fotografia como seu principal agente que marcam o pesquisador, o afetam de tal forma que produzem efeitos, afetos e novas relações influenciando diretamente nas escolhas para o desenvolvimento da trajetória de pesquisa,

e é através deles que é possível compreender os caminhos traçados e compartilhados pelo pesquisador, os interlocutores e as fotografias.

Estar vigilante aos possíveis encontros permite ao pesquisador estabelecer uma relação com pessoas, objetos e imagens de diferentes formas. Assim se passa com os “encontros fotográficos”. É preciso estar atento para percebê-los. Esses momentos de grande significância podem ser nomeados, “[...] mas o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito. Ele designa um efeito, um ziguezague, algo que passa ou que se passa entre dois [...]” (Deleuze & Parnet 1998: 14). Portanto, os “encontros fotográficos” experienciados durante a pesquisa se apresentam e são enunciados através de seus efeitos.

A antropóloga e pesquisadora das imagens Fabiana Bruno, ao retomar as ideias do filósofo e historiador das artes e das imagens Georges Didi-Huberman, aponta uma qualidade interessante da imagem como sendo “[...] um ‘arquivo de memórias humanas’ ou uma ‘sobrevivência’ sociocultural, capaz de armazenar, veicular e fomentar não somente ‘tempos’, mas também ‘pensamentos’ a eles ancorados. [...]” (Bruno 2008: 2). As fotos e as imagens em geral atuam como uma espécie de detonadores de memórias, ou seja, como se através do contato com a imagem irrompessem lampejos de informações que complementam determinada foto e promovem o estabelecimento de narrativas memorialísticas a partir desse encontro

Os acontecimentos significativos, que são cheios de significância para o andamento da pesquisa podem ser refletidos e analisados através de sua aderência à ordem da sensação, nas palavras de Deleuze

“[...] A sensação é o contrário do fácil e do lugar-comum, do clichê, mas também do ‘sensacional’, do espontâneo etc. é ser-no-mundo, como dizem os Fenomenólogos: ao mesmo tempo eu *me torno* na sensação e alguma coisa *acontece* pela sensação, um pelo outro, um no outro. [...]” (Deleuze, 2007: 42).

É como se o texto antropológico fosse construído e montado da mesma forma que um arquivo. Penso, que o texto pode ser pensado como um arquivo de sensações (*Archive of feelings*)³ compostas dos momentos permeados por afetos e seus efeitos ou os efeitos e

³ Me inspiro no trabalho da pesquisadora canadense Ann Cvetkovich.

seus afetos, como bem explica Favret-Saada, que são vivenciados e devem compor a reflexão antropológica.

O texto antropológico construído pensando os momentos de maior significância vividos e compartilhados durante a experiência de campo, quando rememorados durante o “segundo campo”, ou seja, o momento de imersão do pesquisador com os dados construídos através de suas experiências e formalizados nos diários de campo, conversas gravadas, as fotografias e filmagens produzidas e encontradas, em todo o material produzido. Quando sistematizamos nossas experiências e organizamos em formato de texto, esses materiais ao serem analisados permitem selecionar, reavaliar, refletir e montar os momentos significativos, os encontros cheios de afetos e seus efeitos ou efeitos e seus afetos.

Referências bibliográficas

BANKS, Marcus. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. 1. Edição, Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e Imagem**. 1. Edição, Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BRUNO, Fabiana. Antropologia e Poética: Fotobiografia ou Imagens da Memória no Tempo da Velhice. In: **26^a Reunião Brasileira de Antropologia**, Porto Seguro, Bahia, 2008.

BANKS, Marcus; VOKES, Richard. Introduction: Anthropology, Photography and the Archive. In: **History and Anthropology**, vol.21, n.4, p.337-349, 2010.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. 3. Edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. 1. Edição. São Paulo: Editora Escuta. 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **Pós**: Belo Horizonte v.2, n.4: 204-219, 2012.

EDWARDS, Elizabeth. Antropologia e Fotografia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v.2, p.11-28, 1996.

----- . Photography and the Performance of History. **Visual History**, n.27, p.15-29, 2001.

----- . Tracing photography. In. BANKS, Marcus & RUBY, Jay (orgs). **Made to be seen: perspectives on the history of visual anthropology**. 1. edição, Chicago: University of Chicago Press, 2011.

----- . Anthropology and Photography: A long history of knowledge and affect. **Photographies**, vol.8, n.3, p.235-252, 2015.

----- . Uncertain Knowledge: Photography and the Turn-of-the-Century Anthropological Document. In **Documenting the world: films, photography, and the scientific record**. 1. Edição, Chicago; Londres: The University Chicago Press, 2016.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, São Paulo, 13:155-161, 2005.

STRATHERN, Marilyn. Artefatos da História: os eventos e a interpretação de imagens. p. 211-230 In. **O efeito etnográfico e outros ensaios**, 1. Edição, São Paulo: Cosac Naify, 2014 (a).

----- . O efeito etnográfico. p. 345-405 in **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014 (b).

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. 1. Edição, São Paulo: Cosac-Naify, 2012.